

Coletânea

TodAs EscreVemos





Coletânea

**TodAs EscreVemos**



Coletânea  
**TodAs EscreVemos**

1ª edição

*todAs  
escrevemos*

Porto Alegre  
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Todas escrevemos [livro eletrônico] : uma  
coletânea. -- Porto Alegre, RS : Iasmin  
Gonçalves Schleder, 2021.  
PDF

Vários autores.  
ISBN 978-65-00-27240-6

1. Poesia brasileira.

21-74102

CDD-B869.1

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Capa:

Natália Morelo e Iasmin Schleder

Ilustrações:

Natália Morelo

Editoração eletrônica:

Iasmin Schleder

Produção:

Fora da Asa

Revisão:

Camila Alexandrini

Marília Saldanha

## **Equipe TodAs EscreVemos**

**Bruna Morelo  
Camila Alexandrini  
Francielle Fernandes  
Iasmin Schleder  
Luciana Tubello  
Marília Saldanha  
Natália Morelo**

todAs  
escrevemos

<https://todasescrevemos.wixsite.com/meusite>





*PORTO ALEGRE, NUM DIA DE MAIO DE 2021.*

Querida leitora

Estou escrevendo do terceiro andar de um predinho onde moro e, por conta da pandemia de Covid-19, também trabalho. Minhas janelas têm grades de segurança e telinhas de proteção para as gatas não fugirem. Tu deves pensar que reclamo do isolamento sem razão, ocupada leitora. Talvez sejas a professora das séries iniciais, minha ex-aluna, obrigada a voltar para a escola mesmo sem vacina, temerosa leitora, correndo enormes riscos de contaminação. Ou talvez a diarista que desce a rua todas as manhãs, depois de viajar em uma condução lotada, apressada leitora, em direção à casa da família de bem que só te paga se estiveres lá, não importa como. Eu, ao menos, correta leitora, trabalho em casa. Um dia, futura leitora, não acreditarás na falta de políticas sanitárias, nem no número de infectados e mortos, nem na nossa inércia diante dos abusos de poder. Tudo isso, a rigor, não se explica ou justifica, intrigada leitora, nem a epidemia de feminicídios, tampouco as piadinhas infames que ouves em toda parte. Deves ser a senhora aposentada, funcionária pública, que sai todos os dias com o companheiro cachorro, elegante leitora. Usando máscara, sacolinha na mão e tomando muitos cuidados, talvez, solitária leitora, me vejas diante do computador, finalizando o primeiro parágrafo desta carta.

Às vezes, incerta leitora, eu desço ao portão de entrada - jamais pelo elevador - e entrego, às que interfonam, comidas, bolachas, frutas. Agora, com a proximidade do inverno, ando mexendo no guarda-roupas e separando casacos, calçados e cobertas porque eu sei, solidária leitora, que nos entendemos quando nosso mal é fome e quando ela ataca os pequenos, que não pediram para nascer e não merecem este mundo frio. Fico imaginando a tua atividade de leitura como um descanso clandestino, envaidecida leitora, depois da louça lavada, depois de todos dormirem, alimentados e com saúde. Isso é a felicidade, magnífica leitora. Entras em conexão com outras mulheres, montando um bordado, um crochê, um tricô sem agulhas, criativa leitora. Também quero te contar que retornei à minha velha máquina de costura, esquisita leitora, só para manusear os tecidos e as texturas. Acho que me entendes, abstrata leitora, pois conheces os macetes dos textos e todos os seus pontos. Cá entre nós, voltar ao mecânico para escapar do virtual tem sido uma bênção e um aprendizado de cortes, mística leitora.

Venho orgulhosamente apresentar, alegre leitora, por estas mal digitadas linhas, minhas amigas pretas, indígenas, lésbicas, cis, bis, trans. Cada uma várias, generosa leitora. Porque elas não têm medo, poderosa leitora, nem pedem desculpas. Elas usam amplos vestidos amarelos com flores

rosadas e navalha, iluminada leitora. Tatuam os braços, preferem a óptica à ótica e, sensível leitora, costumam explorar o voo aleatório das moscas e os sorrisos estranhos. Escrevem versos, contos, racontos e cartas, assim como eu, desdobrável leitora, à procura de acolhimento e partilha. E gritam, gesticulam e falam muito, performática leitora. Sim, transgressiva leitora, uma coletânea é uma aposta coletiva - revolução, manifesto, resistência ou dedicatória: Pra ti, estupenda leitora. Por todas nós, sobrevivente leitora, que lemos e escrevemos.

Te convido para um chá com risadas, corpos, silêncios, dores e mantras. E aguardo ansiosamente tua resposta, escritora leitora.

Com carinho,

**Rita Lenira Bittencourt**



## *TodAs*

Déborá Berengan_	13
Milene de Oliveira Bordignon_	14
Luzia Veríssimo Duncan Goularte_	18
Bárbara Ramos_	19
Agda Céu Pacheco Rocha_	23
Natália Pagot_	25
Karen Cristina Garbo_	27
Glória Andrades_	30
Brenda Vidal_	32
Luz Dourada_	37
Vitória Fonseca_	43
Aline de Moura Rodrigues_	44
Lilian Rocha_	48
biAhweRTher_	50
Hellena Leão_	57
Catia Castilho Simon_	60
Paulina dos Santos Gonçalves_	64
Ana dos Santos_	65
Sofia Pulgatti_	69
Renata dos Santos Ruffo_	72
Samantha Medeiros Ferreira_	73
Louise Lucena_	77
Leticia Virtuoso_	79
Thamires Gambôa_	80
Fernanda Fedrizzi_	83
Gabriela Rabello_	87
Ana Margareth Gonçalves_	90
Taiasmin Ohnmacht_	92



e o meu corpo  
todo leito e margens e  
travessias

não transborda,  
arrogante ou  
sutil contém o que molha  
e nutre, e afoga

anseia fazer chover  
em despreparado fluxo  
quer ser  
rio místico.

## Milene de Oliveira Bordignon

### *CARTA AO BRASIL, 2020*

Meu querido país, insisto em dizer isso, apesar da turbulência e do extermínio que nos assola. O povo brasileiro é gente que trabalha, produz cultura das mais variadas artes, chora e celebra, no carnaval da vida. Nesse e em outros palcos, expressa sua vida, suas façanhas e também denuncia as mazelas deste mesmo povo, nas mais diferentes formas, ritos e ritmos.

És grande e belo, gigante é tua alma, que nasceu dos povos originários. Tuas riquezas exuberantes, matas, minérios, oceano, mar, pássaros e muito mais, vida livre; não soube ser devidamente desfrutada pelos homens brancos que aqui aportaram. Tudo tão estranho, livremente estranho... Seus corações insensíveis viraram as costas para tudo isso, suas raízes outras, em que a ganância e o domínio eram e são seus valores castos, trataram ao cabresto domesticar o povo que era livre e ainda hoje não largam dessa cartilha.

Tantas matas queimadas, tantas vidas ceifadas... Teu povo originário já derramou um oceano de sangue, mas não se curva. Prefere a morte, luta de pé, mas não abdica de ser o guardião da Mãe Natureza que também mora nesta terra. Ensinam-nos, perpetuamente, a lutar para que todos os irmãos e seres vivos habitantes neste e em outros solos vivam em harmonia com a natureza, com o amor sublime em unidade.



Meu amado país, não mereces ser abatido pelas mãos e máquinas de ferro, pela destruição de tuas riquezas naturais e do teu povo, que abriga até hoje irmãos e irmãs de todas as partes do mundo. A propósito, os irmãos negros foram arrancados de outro Continente, para servirem ao Senhor da Senzala, nas grandes fazendas de que se apossaram. Sabe, é a tua história que tentam esconder, ela foi feita de tortura até a morte, de violência contra homens, mulheres e crianças, ninguém escravizado foi poupado. Mais uma vez a coragem impera, e Zumbi dos Palmares é um exemplo disso. A “abolição da escravatura”, fake news, mais uma das tantas inculcações midiáticas e institucionais, controladas pelos herdeiros dos tais brancos; anunciavam o pseudo estado de liberdade, de alforria. Muitos Negros e Negras fugiram, outros largados à própria sorte. Que sorte??? Brasil, tu tens dívidas!

Nesta caminhada, país, avivo tua memória, os negros e as negras amontoaram-se em favelas, submetem-se a empregos sem direitos, proibidos de frequentar muitos locais, todos e quaisquer lugares “dos ditos alvos”. Apesar disso, o povo negro afro-brasileiro, principalmente as mulheres, foram amas-de-leite, não negaram ao filho do Barão alimento da vida. Tal e qual os povos indígenas, que sempre souberam amar ao próximo, não tinham o espírito vingativo, destruidor, e isso os diferenciava sobremaneira.

Reparou? Até hoje com outras roupagens isso acontece, não é todo o irmão branco que é ruim, contudo, as diferenças de classe social em todas as pesquisas sérias evidenciam a

cor e o endereço da desigualdade social. Já houve um tempo com um governo democrático, que criou políticas sociais públicas para promover igualdade social. Os magnatas não gostaram, deram um golpe e hoje mais da metade da população está desempregada, destroçaram todas iniciativas, além de quererem instituir o fascismo no nosso território, entre outros complexos aspectos.

Meu país, disto não preciso te lembrar, afinal, estamos ainda em 2020. Em meio à pandemia, o menino Miguel morreu pela negligência de uma mulher branca, não só com ele, mas com a mãe dele, que deveria estar em casa com sua família protegida da contaminação, “mas os cães precisavam da sua ama”, e a madame, pintar as unhas. Realidade cruel, sem arrumação!?

O menino morreu assim “tipo acidente”, outros morrem com 80 tiros de bala, outros brincando dentro de casa, muitas “balas perdidas”, muita tortura televisionada, que mais parece ser instrumento de intimidação do que denúncia. Nem preciso falar da cor dessas vítimas. Até hoje se pergunta quem matou Marielle Franco...

Meu país, te vejo assim, digo tudo isso, para ver se acordas do pesadelo sem fim, da exterminação, da privatização da vida, do inferno de Dante, das múltiplas e globalizadas violências contra as crianças, trabalho infantil e outras tantas... Violências contra as mulheres, contra gênero, contra tudo que não seja a “lei de determinados brancos e organizações internacionais”, da violência da falta de ali-

mento, de trabalho e emprego, saúde, educação, de condições dignas de vida.

Ah meu país, te quero alegre, com todas as cores, sabores, músicas, abundância natural que vibra do teu povo, quero um Brasil Livre. Livre para respirar, não ter medo da própria sombra, para dormir e saber que tem pão para todos e todas, tem diversão, tem folia, alegria de criar, produzir e expressar nossa vasta cultura, com igualdade e justiça social. Como te quero, meu amor da cor do arco-íris. Onde os rios, os mares corram livres, onde a educação e a saúde sejam valores primeiros, e o alimento que se retira da terra seja só o suficiente para sustentar nosso corpo e nossa alma. Sabes o caminho, olha para o passado; antes de chegarem os brancos, vivia-se livre. Quero-te livre, soberano de amor e compaixão. Vem, vamos dar as mãos.

**9.7.2020**

## Luzia Veríssimo Duncan Goularte

Quem domina o destino?

O meu, coloco ao acaso das minhas ideias loucas

- Se meu gato estiver deitado na cama, janto pizza; se estiver no sofá, lasanha.

As adivinhações sobre meu relacionamento não diferem muito disso: - A terceira música que tocar na playlist aleatória representa o que ela sente por mim (e isso vira verdade absoluta).

Decisões importantes também são tomadas assim:

- Se o ônibus chegar nos próximos 10 veículos que passarem, sigo no emprego; se não chegar, peço demissão.

Mas que loucura!

Exclamam as mesmas pessoas que sentam em meio ao caos,

enfrentam o desamparo,

elegem um presidente fascista

sorriem e, omissas, garantem que Deus vai ajudar.

No meu método, pelo menos, consigo ouvir as respostas.

*TENSÃO ÓPTICA*

A luz que vejo da minha janela é diferente da luz que vejo em teus olhos.

A luz dos olhos é fosca, tem pouco fundo, pouca cor. Quase me transparece o que você gostaria de dizer, mas engole. Ela explica, sempre com rodeios e hesitações.

Ela também é infantil. Faz-me lembrar daquela coisa que eu sentia no fundo do peito quando o dia estava bonito, mas eu brincava sozinha.

Já a luz da janela dança, encanta. Mostra que ali há vida.

É uma luz colorida, fração de cor num caleidoscópio, mandalas, energias.

Mas, enfim, o que eu via? Tantas máscaras e magias que me surrupiavam a dor de pensar em como tudo aquilo era mera bobagem inventada.

A luz dos olhos chorava em tom de heterocromia, esvaindo em lágrimas as tuas sensações mais genuínas.

A luz da janela refletia algo que, por hora, era o poste da rua acendendo, como também era o entardecer no vidro que me protegia.

Lancei olhar aos olhos teus, tu me repudias. E, então, eu podia te falar: “Olha pra cima!”

E, no raso dos teus olhos, eu via o reflexo da luz da janela, cantando o fim do dia.







## Agda Céu Pacheco Rocha

sinto as modificações no meu corpo aos poucos, a cada dia, como pequenas rebeliões internas, insurgindo nesse corpo não normativo.

me dou conta de que meu corpo nunca esteve errado e de que eu nunca estive “transtornada”  
eu não possuo um transtorno de identidade de gênero  
meu corpo se faz a cada dia  
é de passagem, efêmero, está em constante transição.  
meu corpo  
corpo que se molda a mim,  
para as minhas necessidades.

percebo que os olhares sobre meu corpo aumentaram.  
sou invadida agora por uma dúvida escancarada no olhar alheio que vai crescendo na medida em que vou me mulherificando,  
sou ainda mais nebulosa para os olhares cis normativos a ponto de o incômodo ser tamanho que a pergunta vem como que num soco:  
o que é você?  
eu não me sinto na obrigação de responder sempre, de responder tudo,  
só porque sou assimilada enquanto um ponto de interrogação

pra mim sou perfeitamente adequada na medida em que  
vou respondendo as minhas próprias perguntas, no meu  
tempo.

desvio o olhar,  
é o máximo que posso fazer  
eu te deixo ser  
então  
deixe-me ser.

*SENTIDOS TURVOS*

Sinto meu corpo  
extasiada, com medo  
minha cabeça acelerada  
estou doente.

Meu corpo sente dor  
dor no peito  
que o olho transborda

Roer unhas  
dormir demais  
roer unhas  
dormir de menos

Álcool  
desespero  
álcool  
ainda sinto medo

Me sinto doente  
nem letras saem direito  
culpa do peso  
peso da culpa

Ansiedade me perturba  
as palavras seguem turvas  
eu desisto,  
por hoje  
é isto!

*AS FALTAS*

Todo mundo sente falta de alguma coisa. Eu dei para sentir saudade das casas noturnas, aqueles lugares sufocantes e escuros em que as pessoas se submetem ao ridículo pela intenção de ficarem juntas e apertadas numa mesma massa de calor, suor e carne. O festival da grande Babilônia de músicas repetidas. Acostumar os movimentos conforme a batida da música, sincronia das dissonâncias. Gosto do espetáculo todo, as cenas de choro dos bêbados no banheiro, as fugas dos fumantes, o olhar que estes dão para o horizonte como se procurassem o segredo do seu vazio, a promessa das noites quentes e o exílio das noites frias.

Os beijos exagerados dos amantes inéditos, agarrando-se na pista como se agarram os velhos às lembranças de sua juventude. A coreografia de todos os movimentos, as risadas teatrais e as espontâneas. Sinto falta de tudo, da luz enviesada, dos gritos incompreensíveis, das eternas voltas pelo ambiente à procura do lugar ideal, e como sempre, eu sou a que se deixa levar por qualquer mão que me puxe. Os olhares em relance, os rostos tão sérios da juventude, quase sempre pelo peso de suas expectativas. Os loucos da droga e os loucos de tédio, todos muito varridos pela sombra, pela substância invisível que os cerca e que se alastra com a máquina de fumaça. Sinto falta da entrega, fechar os olhos e abandonar o corpo ao som da música alta.

Porque é um pacto coletivo, é ver e não ver, é agir como se estivesse sozinho ao mesmo tempo em que acompanhado dentro do estômago.

Dançar em público envolve coragem, desapego e vaidade, tudo ao mesmo tempo. A junção das pernas desengonçadas, dos dentes escovados trincando de anfetamina, os cartões de crédito assustados que se escondem dentro dos bolsos, os braços que se levantam uma vez mais a despeito do cansaço, os gemidos que se guardam nas curvas da garganta. Êxtase e desvario. Um hábito em que me perco. Ver a ficção montada como espectadora (ou como voyeuse), parada num canto da pista, os corpos à minha frente em ebulição, em contraste com o meu corpo imóvel. Meu olhar que é ao mesmo tempo de desprezo e de ternura absoluta. Os copos que se equilibram nas mãos agitadas, é incrível como não estejam muito mais caídos no fim da noite. Todos os decotes, as barbas e reboladas. A aproximação desinibida dos alcoolizados, as línguas no comércio por cigarros, os estranhos que por um instante viram amigos na pista. A sincronia dos corpos que caminham colados em direção ao abrigo de uma parede. O estado deplorável do chão, os dedos congelados nos copos.

A espera pelo carro que comporta a melancolia dos finais. As conversas dos desconhecidos nesses lugares, as promessas de amizade eterna que fazem as línguas moles de álcool, a solidariedade das mulheres que protegem umas às outras. Isqueiros e memórias perdidas, jogar-se na cama com a certeza da ressaca. O amanhã que se encarregue. Do desâ-

nimo, do fim da juventude, do medo de não ter se divertido o bastante. Ou de ter se divertido demais. Às vezes a vertigem da vida. Sempre a promessa incomparável dos princípios. O momento exato das entradas, aquele momento em que não se sabe se a música é boa, se o doce vai bater, se a buceta vai se encolher num arrepio elétrico na pressão de um dedo ou de um pau. O anonimato entre os anônimos, a redenção dos comportamentos sórdidos, pés e quadris obedientes. Você pagou por isso, agora dance.

(RENASCIMENTO)

Ufa! Chegou o grande dia.

Nem acredito e precisarei repetir a mim mesma milhões de vezes.

Anda, segue teu caminho e para de sonhar com o que não vais alcançar.

Sonhar?

Isto na real tem outro nome, não?

Ah, preciso entender e enfeitar!

Mas lá dentro há um sussurro:

Não, Não, Não.

Não quer escutar e nem aceitar?

Mas é perseguição.

(Choro e me jogo ao chão)

Não é não.

Vejo tudo lá atrás e me esmurro mais ainda.

Aí pergunto:

Que fez este tempo todo?

Esperando o quê?

Esperanças devo ter,

claro, mas não a ponto de ficar cega.

À minha memória vem mais recordações e que incrível: está tudo ali na minha frente:

Quantos anos mesmo? Acorda criatura!

Vá viver a sua vida e deixar teu pensamento voar.

Vou te fazer uma proposta. Isto mesmo:

seu pensamento vai viajar e, quando voltar, será outra.



Entende o que digo:  
Aceita e olhe ao seu redor  
quanta coisa está perdendo, reconheça,  
mas desta vez com a razão!  
Pois amor, amizade, dedicação permanente, rezas, prosas,  
viu que não levaram a nada.  
Em outras palavras, chego à triste conclusão de que se  
conquista tudo é na base da falsidade e do desamor.  
Pronto, entendi o recado.  
Afinal, não sou burra.  
De hoje em diante  
trato com frieza, calculista e muito ausente.  
Assim, sentirá solidão, pois até agora,  
não te dei chance de sentir minha falta.  
Resumindo: (renasci)  
Amadureci.

*SOLIDÃO: MERGULHO NO PROFUNDO*

Será que o isolamento social  
de uma mulher negra  
começa só na quarentena?  
Mas e a tal da solidão da mulher preta,  
que foi diagnosticada,  
facada (!),  
antes mesmo dessa nova pandemia?

Tantas vezes me vi só  
mesmo que em meio à multidão  
que ficar em casa,  
com a mãe e a irmã,  
às vezes me parece bom.

Coabito com a solidão e  
nela traço meus novos caminhos.  
Transformo solidão em solitude:  
esse tem sido meu autoamor  
em forma de atitude.

Dentro de casa,  
com o privilégio de ser acolhida  
e não maltratada,  
diferente de tantas outras mulheres,  
quarentenadas com seus malfeitores,  
ou das que moram na rua,

sem parede ou teto  
para acolher suas dores.

Dentro de casa,  
penso que isso  
tem seu lado bom.

Em casa me olho no espelho e me vejo,  
sem reflexos estrangeiros  
que eram-me lançados por olhares  
>alheios<.

Caminhando no bairro do trabalho,  
me via só,  
a não ser no olhar da babá, da doméstica  
ou da funcionária da prefeitura  
que cuidava pra varrer a rua.

Dentro de casa,  
me desfaço da m\_l\_t\_,  
da mulher servil,  
da mulher agressiva,  
faca na bota e sem pavio.

Mas ainda encontro  
no meu corpo e na minha mente  
os vestígios coloniais  
que me fazem duvidar:  
de mim mesma,  
do que fui, do que sou  
do que posso ser.  
Me fazem duvidar daquilo que sou feita.

Ideias coloniais  
inscritas nos meus músculos,  
na minha melanina,  
no meu sistema nervoso,  
contaminando todas as células do meu corpo.

Pensamentos que açoitam.  
E penso: “Será que  
alguma mulher branca  
já usou ‘açoitam’  
como verbo para classificar  
as dores do seu inconsciente?”  
Açoitam... outro recurso  
do colonialismo invadindo  
minha psique.

Mas penso que em solitude,  
não estou tão sozinha.  
Sou feita das rainhas,  
das escravizadas e das libertas,  
das fugitivas e das insurgentes,  
das mulheres que fizeram do seu DNA  
hackeamento do projeto  
de embranquecimento do país.  
Hackeamento visível na minha pele,  
no meu cabelo, no meu nariz.

Na solitude, vejo que sou múltipla.  
Sou a milésima geração  
de mulheres que tentam retomar

sua subjetividade,  
e lembrar que são rainhas,  
mesmo que a sociedade diga que não  
perpetuando seu status racista.

Desfaço amarras,  
recuso correntes,  
limpo termos coloniais  
da minha mente.  
Troco tudo isso por bell hooks,  
Conceição Evaristo,  
Grada Kilomba,  
Luedji Luna,  
Solange,  
Tássia Reis,  
Angela Davis,  
Xenia.

Na quarentena  
me vejo  
com tempo  
de mergulhar em mim.

O tempo usado para não perder o ônibus,  
uso pra estender o tapete  
e desintoxicar o meu corpo.  
Medito, vou à fundo,  
saio do raso cheio de estereótipos  
e vou ao encontro de mim,  
num profundo resgate

um tesouro escondido:  
novas possibilidades,  
dentro,  
aqui.

### *RESISTE MIRABAL*

Não importa quantos books fotográficos são feitos aqui semanalmente. De cá só consigo ver os corpos caindo em câmera lenta. Se espatifam no chão, param. Param os ônibus, param os carros, os pedestres, os cachorros. Param os atendentes das lojas, param as senhoras em seus passeios melancólicos. O instante se fraciona em segundos que tentam evitar a frase “é tarde demais”. Mesmo se fosse manhã de menos, sabemos, a notícia não sai nos jornais. Quantos suicídios o viaduto da Borges já abraçou? Talvez o dado estatístico interessaria à imprensa. Agora, nítido, aqui do alto da Duque, ainda se sente o cheiro de mijo. Engulo seco e cada gota de saliva arranha minha garganta sedenta de vida, de gosto, de cheiro. Até de cheiro de mijo. A única sensação que me soa confortável na laringe é a da corda áspera raspando. Como quem me promete que vai passar, vai passar, de uma vez por todas, vai passar. Toda dor vai sumir e o sofrimento vai estancar. Nem sangue, nem nada, só uma pausa forçada porque nenhuma vírgula bastou.

Três minutos, duzentos e quarenta e dois metros, duzentos e cinquenta passos até a praça da Matriz. O sol radiante no céu limpo de Porto Alegre promete um pôr do sol no Guaíba daqueles. E eu tentei imaginar se isso me motivaria a sair da cama hoje. Também tentei lembrar o que é que me faz ver sentido nisso tudo, limpei a casa pra ver se parava

de mofar aqui dentro, tentei rabiscar os motivos e o desgraçado do papel em branco me encarava. Eram nulos. Preparei a corda na madeira que fica do lado da escada, e ali fiquei por alguns minutos imaginando a cena toda. Minha mãe tenta contato comigo sem resposta por três dias, liga pra Fabi que não sabe de mim também, entram as duas em estado de choque. Chamam o Samuel, que arromba a porta com tudo, sabendo o que eles encontrariam. Uma cena de rotina, na minha mania de faxina, quis limpar o mundo de mim. Mas nada disso aconteceu. Não. Porque eu resolvi sair pra caminhar na Duque.

Tive certeza de que meu olhar não passaria do chão. Queria era descer, me enterrar, afundar e de presente sumir. Queria era ver se virava uma lajota bonita na escadaria 24 de Maio, ou se caía no cimento fresco do estacionamento novo da rua e já virava material de construção - assim eu teria ao menos uma função. No passo duzentos e quarenta e três, outro olhar invadiu o meu - digo invadiu mesmo, porque não pedi permissão pra entrar. Alemão, o nome dele. Aquele olhar me penetrou tão fundo que senti um calor subir o corpo inteiro. Com a boca aberta e o rabo abanando, ele correu rápido, muito rápido, até pular em mim e me lambe todas as feridas visíveis aos olhos mediúnicos de um cão. Só consegui me ajoelhar, abraçá-lo e sorrir em meio às lágrimas. Não sei há quanto tempo não sentia algo tão bonito.



Depois de me beijar o rosto inteiro, Alemão seguiu caminhando pela Duque e parou na Assembleia Legislativa, me olhando com as orelhas em pé, o rabinho sacudindo a bunda inteira. Alemão era cria do Guilherme, morador de uma das barracas permanentes da Matriz. Esquisito. Eu nunca tinha visto ele sair da praça, sair de perto do Guilherme, nunca. Ainda mais daquele jeito, todo feliz feito um gol numa copa do mundo ao fim do segundo tempo da prorrogação. Fui atrás, ele andou mais um pouco e parou na esquina da João Manoel. Não entendi, mas continuei acompanhando os passos e as paradas do Alemão que me buscava com os olhos e o focinho farejador de farelos, trocando em miúdos em cada esquina. Atravessando a Cipriano Ferreira, percebi que ele parou em frente a um prédio, onde sentou e ali ficou. Encarou o edifício, me encarou, encarou o edifício. Na fachada, uma faixa grifava em letras garrafais “RESISTE MIRABAL”. Entrei pra ver que lugar era esse para onde ele tinha me trazido. E desde então, não saí mais dali. Reconstruí minha casa, esqueci o cheiro de mofo, a sensação da corda na garganta. Aquele calor que subiu aquele dia no encontro com o Alemão agora eu sinto todos os dias ao lado dessas mulheres com quem resgatamos, acolhemos e unificamos cada caco da alma da gente. Hoje só agradeço a existência de quem, feito aranha, tece redes de apoio e proporciona o sentimento de família àquelas que nunca tiveram alguma.







*AUTORIA*

fiz meu retrato em fotografia  
e bordei palavras por cima  
pois não sou imagem-única  
que cabe em uma moldura.

escrever é sina de quem sente  
tudo quanto é coisa da vida,  
dos outros, pois de si mesma  
mal sabe escrever uma linha.

sou o rascunho antes do poema  
entre uma palavra e outra  
é na aresta que me encaixo -  
indefinida, sempre mutável.

não nasci mulher e me tornei escritora,  
nasci escritora e me fiz mulher.

## Aline de Moura Rodrigues

### *SEM SAÍDA*

Os dias vêm passando em uma velocidade triste e matadora. Meus pensamentos tentam driblar a morte, mas é praticamente impossível ignorar a realidade. Busco positividade e me sinto uma idiota. Uma fracassada. Enfim, um alguém fugindo do que tem que lutar. A morte como fardo e não como passagem é enfiada goela abaixo de quem é preto no mundo. Lidar com as hipocrisias cotidianas, lidar com as falácias e com os sentimentos de culpa, lidar, lidar, lidar. Outro verbo para sobreviver. Um sinônimo inconfesso, mas visceral. Lidar com a realidade da vida e da morte. Lidar com as mortes-aviso que vão se somando sobre a mesa. Lidar com a vontade de sumir e ao mesmo tempo de viver. Lidar com a injustiça, com a feiúra do mundo e com a incontestável beleza de ser quem sou no mundo. Lidar com as palavras que voam de dentro de mim e se perdem no desrespeito, na falta de fé na minha palavra, na falta de confiança, de mim para mim e de mim para os outros. Lidar, lidar, lidar.

Entender e encontrar a minha potência de serenidade ancestral e ter que ignorar, ter que seguir em frente sem saber mais direito o que é mais correto e estratégico. Vejo pessoas jogarem com as vidas de outras pessoas e nem sequer serem vistas como assassinas. Vejo dedos que me

apontam como covarde porque não compro mentiras brancas para limpar as mortes. Não acredito em revolução desenhada por brancos e pintada de preto. Não acredito em falácias de união desonesta. Não acredito em sorrisos falsos de sororidade. Não acredito no que se apresenta com cobrança de paz para mim. Não acredito na paz branca que me querem participante. Não acredito na democracia feita de silêncios pretos. Não acredito na ciência feita de silêncios pretos. Não acredito em quem preciso me aliar para conseguir ser ouvida. Não acredito nesta grande prosódia triste que é a realidade que enxergo.

A Aline, à beira dos trinta anos, enxerga tristeza. Enxerga saudade e um sonho pintado numa tarde na Casa Verde. Ela se agarra a essa imagem futura a qual às vezes também duvida viver, em que vai estar em uma rede, na casinha sonhada com seu amor, descansando e ouvindo Leli correr pelo pátio. Vai chorar de cansaço, mas de um jeito feliz. Vai olhar pra si e para essa vida sonhada com orgulho. Vai estar aconchegada no seu denço, sendo olhada com carinho por ele que vai dizer que sempre soube que aquela realidade ali era possível e que se concretizaria. Eu tenho fé nesse sonho. Tenho fé nesta vida que sonho todos os dias. Essa que me faz acordar e, mesmo confusa, querer continuar viva. Às vezes penso em desistir da vida. Escrever uma carta comovente onde digo tudo isso que disse até agora. Desfaço-me em letra pela última vez. Coloco pra fora tudo que me maltrata. Jogo na cara daqueles para os quais cuida-

dosamente dirigirei minha carta, o quanto essa minha morte anunciada tem co-autoria. Ninguém vai me julgar por me matar, quando, na verdade, isso não será um suicídio. Eu quero a cabeça dos meus assassinos sangrando. Eu os quero perdidos e sem felicidade. Eu quero a cabeça dos meus assassinos girando. Eu os quero penando metade do que penei. Eu quero silêncio e desrespeito a cada palavra deles. Eu os quero sendo cobrados de falar mais alto. Eu os quero sofrendo em uma existência medíocre. Eu os quero vazios. Vivendo e sentindo o que me fizeram sentir. Eu os quero duvidando da sua existência. Da sua legitimidade. Eu os quero duvidando de sua origem. Eu os quero sofrendo as mortes de seus ancestrais. Eu os quero sendo humilhados, rasgados e eu os quero sofrendo. Eu não quero nada menos que isso. Eu quero minha alma leve. Eu quero conseguir sonhar com esperança e ver o mundo com a doçura que eu via quando tinha seis anos de idade. Eu quero sentir aquela sensação gostosa de sorrir brincando com a joaninha em minhas mãos, na luz do sol, com o eco do sorriso do meu irmão ao meu lado. Eu quero olhar pra cima e vê-lo sorrindo com um inseto bailando em suas mãos. Eu quero aquela brincadeira de novo. Aquela em que eu subo nos seus pés e caminho com ele. Eu quero saber que ele ainda me ama, mesmo não tendo sido a tia que a filha dele merecia. Eu quero que ele saiba que eu aprendi a desenhar e ler, como ele sempre me estimulou. Eu quero contar para ele que aprendi espanhol e que pude conhecer o México, fazer amigos lá e reencontrar irmãos ancestrais.



Eu queria apresentá-lo para meu amor, para meus amigos. Eu queria tanto conversar com ele e contar como foi descobrir que sou lésbica e hoje sentir muito orgulho disso. Eu queria poder ter um encontro com ele. Uma semana que fosse e que, no final, a gente se despedisse e ele me dissesse que se orgulha de mim. Da pessoa que sou e sigo lutando pra ser. Eu queria que ele me abraçasse e me levasse para qualquer lugar que tivesse joaninhas pra brincar.

*MEDO*

Tive Medo

Medo

De não ter Medo

De perder a Vida

Medo

De não ter

Conexão

Com minha essência

Medo

De não encontrar

O aconchego

Do teu abraço

Quando tudo isso acabar

Medo

De sequer te encontrar

Com vida

Com gozo

Com prazer

De Amar

Medo

De não dar conta

Da felicidade

De me encontrar

Sim  
Pois andei  
Perdida de mim  
Medo  
De não reconhecer  
A minha voz  
Tive muito Medo  
Eu disse  
Tive  
Não tenho mais  
Afinal resistência  
Sempre foi meu sobrenome  
Durmo no leito  
Da morte  
E acordo  
No jorro da Vida  
Eu não tenho dúvida  
Renascemos  
Com Medo  
Ou sem Medo.

*MOSCAS VOLANTES*

*DE QUANDO RITA TINHA COMPANHIA*

Inverno.

Lá fora, o vento brinca com os corpos ambulantes empurrando-os pra lá e pra cá, entrando nos orifícios, se enrolando nos pescoços, lambendo as faces até arder, puxando cabelos, apertando, soltando, batendo em ritmo de samba alemão nas janelas de Rita que acorda com uma cratera no peito. Diante do espelho sem aço com moldura de anjos, ela vê o buraco profundo, quatro centímetros acima do mamilo esquerdo. Nele caberia uma bola de frescobol! As bordas gordas rosáceas, eco fumegante, gelo seco. Envergonhada, Rita providencia um imperfeito curativo gigante e passa a andar com ele, à espera de que o buraco cicatrize.

O tempo voa. Todo o santo dia ela aperta o queixo no peito, afasta a gaze presa com esparadrapo, levanta as sobancelhas e espia. Nada de novo, o buraco de Rita não fecha.

No verão, está acostumada, já são íntimos, tanto que guarda coisas nele. Objetos, sentimentos, uma vez escondeu moedas e a corrente de prata com a medalhinha da santa que pisa na cabeça de uma cobra. Apesar do hábito, não

suportando mais as roupas fechadas até o pescoço no calor de rachar, Rita reza, pede que a estranha ferida aberta sare logo.

Esta coisa no meu peito é uma prisão, lamenta ela abatida, cansada.

Certa madrugada, deitada em seu quarto, acompanhada apenas pelo nojo e o constrangimento que sente pelo seu buraco, desejando um banho de mar, ela escuta uma voz abafada. Corre até a janela, abre a cortina. Ninguém. Subitamente, coloca a mão no peito e sente. É a voz da cratera, vibrante, gradativa, dando discursos sobre assuntos de vida e morte.

Há alguém dentro de mim, sussurra ela.

Minutos tensos de silêncio. Rita escuta a solene voz saindo do buraco do peito a discursar sobre o quanto é ridículo esperarmos pela morte, que cada qual deveria escolher o seu momento de partida, que essa desculpa da hora certa é o oráculo dos covardes e que tudo é relativo.

- Você diz que quer morrer velha, Rita? Mas e quanto àquele dia no porão, quando você fugia de iminentes horrores, pesada, alquebrada como uma idosa de cem?

Curiosa, Rita começa a puxar os esparadrapos, tirando o curativo entre ais.

Encarando o buraco pelado em seu peito, ela sussurra que, de fato, já tinha pensado a respeito muitas vezes. Sobre esta merda toda de termos que ficar por aqui depois de já sabermos como é, apenas aguardando o destino, comprando coisas, planejando brigas, arrastando âncoras, quando poderíamos decidir cuidadosamente o momento de nossa morte sem que algum idiota nos tachasse de fracos por não termos a paciência de aguardar os desígnios de um Deus.

- Sim, respondeu a cratera. Sim! Tecnicamente, você deveria ter o direito de matar tudo o que lhe diz respeito, tudo o que não seja da vida alheia. Sabe Rita, diz o buraco em pausado tom de conclusão, você deveria matar-se.

Após longa conversa, incentivada pelo buraco, Rita planeja um suicídio. Mas enquanto escolhe o melhor procedimento, fatigada adormece e sonha com sombras, borboletas e músicas saindo da deprimida cratera sem nome que agora reside em seu peito.

No outro dia, ao acordar, coloca a mão no seio, íntima, louca pra contar o sonho. Mas, surpresa, nada existe ali! Seu buraco não está mais lá, tomou chá de sumiço, calou, escafedeu-se!

Solidão e silêncio.

Rita levanta triste, viúva. No chão, ao lado da cama, encontra

o bilhete:

“Rita,

Não quero mais ser tua âncora, tua vergonha, tua náusea.

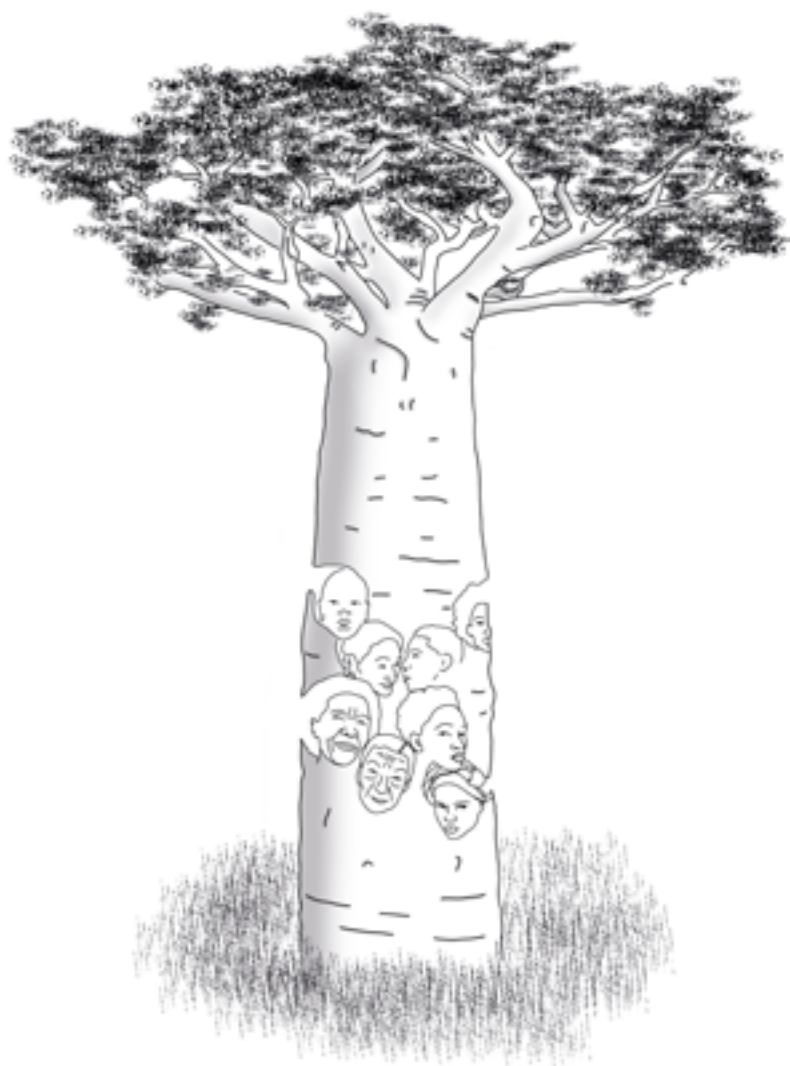
Adeus, amor eterno. Sempre tua, Cratera”

Rita, entre arrasada e aliviada, encolhida e triunfante, arrasta os pés pela casa. Cem anos, sussurrando:

- Cratera... Então, era esse o nome dela.









## Hellena Leão

### *O QUE UMA MULHER DESCOBRE QUANDO PARA DE PEDIR DESCULPAS*

Quero me desculpar com todos  
pelas vezes em que sumi  
ao invés de dizer que não estava bem.  
E comigo,  
pelas vezes em que me culpei por não estar bem.

Quero que me perdoem pelos meus erros,  
e, mais ainda,  
que eu me perdoe por pensar que devo ser  
perfeita,  
quando, na verdade, tenho todo o direito de  
errar.

Quero que as frases curtas,  
a rapidez,  
o líquido,  
o intenso e  
o efêmero  
sejam contabilizados – e sentidos –  
nessa passagem que foi  
me conhecer.  
Sem que isso seja visto como pequeno,  
porque todos os momentos importam.

Apesar disso, se no fim das contas,  
for essa a impressão que causar, que  
pequeno  
signifique  
algo tão bom  
que o tempo não deu conta de  
segurar.

Quero que saibam que me doeu ir embora,  
mas, se nenhum esforço foi feito para que eu  
ficasse,  
a responsabilidade não é só minha.  
E por mais que seja  
desconfortável  
apontar as contribuições,  
olhar o que foi feito,  
sair debaixo das cobertas,  
isso não é um acerto de contas.  
Porque eu quero, um dia,  
poder voltar.

Quero me desculpar com todos  
pelas vezes em que escrevi,  
ao invés de falar.  
E comigo,  
pelas vezes em que me culpei por não ter  
coragem  
de proferir o que me machuca.

Quero dizer que sinto muito,  
por tentar me  
consertar tanto  
para caber em espaços que não me serviam,  
que não comportavam nem sequer minhas  
falhas,  
que dirá minhas  
excelências,  
as quais,  
hoje eu sei,  
são muitas.

*A TERCEIRA MULHER*

O nome era de santa, mas o gênio difícil. Tinha muita raiva e razão dentro dela que transbordavam toda a vez que o assunto da escravidão de sua ancestralidade vinha à tona. O relato do pai humilhado por um milico, durante a ditadura militar de 64, pulsava nela. O que ele fez? Nada além de não ter baixado os olhos quando abordado. O tapa desferido ainda doía nela. “Negro nenhum lhe encarava daquele jeito”, disse o agressor. Na esteira do fato, construiu seu mantra ao revés.

Podia-se dizer que era uma mulher dona de si. Levava a vida como um roteiro planejado: trabalhava, pagava as contas. Com a faculdade, interrompeu a lista das empregadas, faxineiras, lavadeiras preenchidas pelas mulheres da sua família. Motivo de orgulho à Dandara e a outras tantas negras exemplares, famosas ou anônimas. Na faculdade ou no trabalho, ninguém ousava discriminá-la por raça ou gênero, sabiam do seu gênio forte. Tal questão era página vencida e virada, era o que pensava.

Fugia dos homens bonitos ou mulherengos, não queria arrumar incomodação. Vivia com essa certeza até o momento em que se apaixonou por um tipo desses. Eram colegas de trabalho há bastante tempo, e nunca dera bola

para as cantadas que distribuía a solteiras e casadas. Todo mundo sabia que era o verdadeiro “chave de cadeia” e, quando relembra esse histórico para lá de conhecido, ainda estranha que, mesmo sabendo de tudo, sucumbiu.

O cara tanto insistiu que lhe abocanhou a resistência. Ela buscou um novo apartamento para viver o romance da vida. E foi comprando roupas, trocou de carro, pois, para estar com aquele homem, tinha de ficar à altura, sem que nada lhe diminuísse. Ignorou até as advertências da mãe para que fosse devagar com o romance e com as dívidas que estava contraindo por conta dele.

Tudo ia bem até que numa quinta-feira ele não retornou para casa. Celular desligado. Nenhum recado, nenhuma notícia. Comentou que tinha coisas para resolver com a irmã, mas não deu notícias nem apareceu. Enquanto se dirigia para a casa da cunhada, lembrou a transa da noite passada, o final de semana, e sentiu molhar a calcinha. Estavam bem, entrava no terceiro mês da nova vida e eram felizes, disso tinha certeza.

No prédio da cunhada, o porteiro pediu que aguardasse: “Não lhe autorizaram a subir.” Falou com aquele tom de quando apontam o elevador de serviço. A dor no estômago irrompeu como há muito não acontecia. Sentindo-se ultrajada, decidiu subir. Discutia com o porteiro quando o elevador abriu, e a cunhada veio ativa em sua direção.

- Ainda bem que cheguei, antes de fazeres barraco! Olha, vou ser curta e direta. Meu irmão cansou dessa brincadeira e veio pedir ajuda para sair da tua casa, é isso.

- Como? Não entendo o que estás dizendo. Nada daquilo fazia sentido diante do que havia experimentado em menos de 24 horas com ele.

- Não entende? Ah, por favor! Olha bem para ti, tu pensou que era sério?! Vamos ser práticas, me diz a que horas passo amanhã para buscar as coisas do meu irmão, assim, evitamos mais perda de tempo.

- Não vou ver nada contigo. Exijo falar com ele, agora! - gritou em um tom que achava ter abandonado junto com a primeira mulher que foi.

- Baixa já o tom. Quanta ousadia! É isso - já com as mãos na cintura.

Ainda nessa pose, voltou-se para o porteiro: - Em cinco minutos se ela não sair, chama a polícia. - E deu as costas, dirigindo-se ao elevador.

- Por favor, preciso falar com ele. Quero ouvir o que tem a me dizer - retomando o tom da segunda mulher que surgiu naquele romance.

- Vai embora logo porque nem eu nem ele queremos saber de conversa contigo. Chispa daqui!

O porteiro, negro como ela, sem a encarar, pediu que se retirasse para não colocar em risco o seu emprego.

Coube à mãe e ao irmão receberem a cunhada na portaria



e levarem a extensa lista dos objetos requisitados pelo o ex até ela.

Com o papel na mão, sem mesmo olhá-lo, devolveu à mãe e pediu que resolvesse, fechando-se no banheiro. “Não entro no jogo deles, não discuto migalhas. Caí na conversa do filho da puta”. A água do chuveiro na potência máxima, o calor e os olhos fechados a devolviam ao lugar seguro, à sua gruta, à ancestralidade das mulheres sobreviventes. Ela, que desprezava mulheres iludidas, tinha se tornado uma delas. Ela, em quem ninguém passava a conversa e que dizia em alto e bom tom que, quando lhe ofereciam o milho, já trazia o angu pronto, odiava-se naquele momento. “Como não viu o óbvio? Ele queria comer a negra, era isso”.

Depois do sufoco das dívidas, da entrega do apartamento, retornou ao trabalho uma terceira mulher. Ele pediu transferência e nunca mais se viram. Há quem diga que remédios e terapia a ajudaram. Outros, que o nome que carregava e o mantra ao revés foram o que não lhe negaram a força.

## Paulina dos Santos Gonçalves

### *OXUM E O ESPELHO*

*à D. Zi*

Colapso: Quebrou seu espelho! Mãos trêmulas. Sua visão, confusa embaralhava tempos: Quem era? Quem foi? Quem poderia ter sido? Tempos confundidos, alucinados. Em seus ouvidos ainda ressoava a voz da avó: - Coitadinha da minha neta, anda sofrendo dos nervos.

Nervos que se acalmavam quando embalava meninos. Meninos brancos de suas patroas. Meninos que cresciam.

Ela ia para outra família. Sem vida própria, sem filhos. Solidão, velhice.

Menina velha, precisando de fraldas. Nervosa. Velhice no asilo.

Numa noite, depois de brincar, rir, como há muito não fazia, passou pelo espelho e viu uma mulher bonita, vestida de amarelo. Aquela de seus sonhos, que lhe sorriu, acenou e se foi. Dormiu. Nos sonhos, a senhora de dourado voltou, com muitos meninos, de todas as cores. Venha. Vamos! E ela, sorrindo, levantou-se e foi, numa nuvem de perfumes e brilho. (Na manhã seguinte, a enfermeira do abrigo a encontrou caída, morta, com um estranho sorriso.).

2009

O racismo  
furou  
o isolamento social  
Saia  
da sua bolha branca!  
“Vidas negras  
importam!”  
“Eu não consigo  
respirar!”  
Porque o vírus  
do racismo  
contaminou  
toda minha vida  
Eu não consigo  
respirar  
o mesmo ar  
racista  
que eu sou obrigada  
a respirar  
Eu quero furar  
o isolamento racial  
e poder estar  
em todos os lugares

com liberdade  
de poder  
permanecer  
ficar  
estar  
ser  
uma  
mulher  
negra!





*DOCE ESTRADIOL EM COMPRIMIDOS*

completa  
a passos largos  
não se divide  
nem subtrai  
sozinha  
na rua  
nua em casa  
não se desfaz  
com o corpo quente  
febril  
puta cheia de tesão  
Com o corpo frio  
morta  
travesti devendo na pensão  
uma centena de conhecidos  
desconhecidos uma centena de amigos  
desconfiáveis paranoica com mais de mil bons motivos  
passa no crédito antes da metade do mês  
Técnica em informática  
Atendente de call center  
servente de obra  
pau para toda obra  
obra para todo o pau

chupadora profissional  
levanta a parede  
o tijolo  
o cimento  
o cal  
levanta seu pau  
massageia seu pau  
    com a língua  
    com o cu  
com qualquer orifício que ainda sinta alguma coisa  
só não serve pra beijar na boca...  
sente o hormônio amargo no céu da boca  
no céu do útero imaginário  
no cu do intestino que menstrua água de xuca  
o testículo que envenena o corpo sobe pra dentro do corpo  
e vira ovário  
o clitóris cresce até fugir pelo lado da calcinha fio dental  
segura uma furadeira no modo martetele  
faz vibrar o corpo todo junto com a parede  
fura tudo  
e agora toda melada  
gozaram nas minhas costas, na minha bunda, na minha cara  
eu já disse que não estou louca  
tem algo errado  
quem você pensa que eu sou?



Me fala o que tu tem pra me falar  
você tá rindo de mim?  
eu não bebi demais...  
me leva pra casa  
Eu vi  
eles estão rindo de mim  
por que eles estão rindo de mim?  
me come até me matar  
me toma até me beber  
e me esquece  
não precisa pegar meu telefone, porque eu não vou te ligar  
onde já se viu travesti se apaixonar?  
agora me sufoca  
me arrasta pro valão na rodovia  
e me deixa lá  
amanhã os jornalistas vão me chamar pelo nome de registro  
amanhã eu vou ser só mais uma  
amanhã eu vou  
amanhã?  
amanhã ninguém vem  
como sempre  
eu sou uma piada sem graça de um quadro humorístico  
na programação da vida de todos  
que eu conheço ou que ainda irei conhecer.  
Todo mundo que eu conheço conhece alguém abertamente  
transfóbico.  
Quer que eu deixe a navalha em casa?

## Renata dos Santos Ruffo

### *ECOS DO GRITO DE OUTRORA*

*Para Lila Ripoll*

Sim, tanto já segui sem grito:  
solitária, indefinida, silenciada.

Minhas veias adormecidas davam passagem  
para exércitos alheios que marchavam sobre meu peito,  
que diziam dele ser dono.

Recolhi rosas, guardei violetas diversas  
mesmo que seus espinhos me machucassem,  
sangrassem em mim.  
O véu sobre meu rosto não conseguia esconder a  
boca vincada de amargor,  
meu grito mudo.

Não. Já não vou mais sem grito.

Abri as portas adormecidas de mim,  
rasguei cortinas,  
cortei outras vozes -  
Agora me grito inteira.

Corpo-alma.

## Samantha Medeiros Ferreira

### INSÔNIA

Há duas noites não durmo  
Fico revirando os bolsos dos casacos  
da calça que usei na sexta-feira  
os bolsos escondidos da minha bolsa  
o bolso minúsculo da minha camisa preferida

Há dois dias não acordo  
Vivo um sonho real  
Uma ponte entre a lucidez e a insanidade

Todos os porta-retratos parecem estar derretendo  
E a cera vai desfigurando nossos sorrisos  
Até  
ficar  
assustador

Há dois dias não respiro  
meus pulmões seguem enchendo-se de ar  
mas sinto que a maré cheia me arrebitou

Há dois dias te procuro em cada pedaço teu  
te olho firme nos olhos  
tentando encontrar  
um pedaço de ti

que vai me dizer  
tô aqui  
- ainda tô aqui -

Há dois dias venho sentindo  
que perdi ou usei  
todas as fichas que tinha pra apostar

a gente se olha  
e não fala nada  
porque ninguém quer dizer  
que já não há mais nada a ser dito

minhas mãos cansadas, pesadas  
não conseguem mais segurar o taco de sinuca  
só tenho força pra escrever





**QUANDO A 40TENA ACABAR**

A tomada de decisão virá de dentro para fora. Quero viver? Quero morrer? Quero arriscar? Quero acreditar? Quanto me toca? Quanto me importa? O que importa? Importa pra quem? O que é tão importante pra mim? Quanto tempo ainda tenho para dizer que te amo? Quanto tempo ainda tenho para te pedir desculpas e dizer que você é importante pra mim? Quanto tempo terei para reparar meus erros?

Quantas pedras taquei?

Quantas mágoas acumulei?

Quantas raivas guardei?

Quantas coisas silencieei?

Quais medos me protegeram? Quais me condenaram?

Quantos me cegaram? Quantos vieram comigo e quantos adquirir?

A decisão virá de dentro para fora.

A decisão virá de dentro para fora, pois me liberto de ti. Me liberto. Meu eu, existência indócil. Indomável. Não há o que pensar.

Sentir. Apenas senti. Ouvei meu coração e fui. Fui ser feliz.

Fui ser livre. Fui ser amor de mim. Me tornei minha máxima potência. Porque ao cair no poço em busca de colo, me vi. A mudança está em marcha. A revolução em pausa anuncia o prelúdio do que está por vir. É o silêncio antes do levante. Do fim. Do meu fim em mim porque quero morrer para nascer. Porque escolho enterrar meu passado. Aquilo que fui até um segundo atrás. Renascerei novamente, eterna que sou. Quando a 40tena acabar. Quando a 50tena acabar. Quando a 60tena acabar. Quando a 70tena acabar. Quando a 80tena acabar. Quando eu quiser acabar. Se quiser me acabar. Se escolher por este fim.



Fumo  
Num tráfego  
Quente te movo  
Em fumaça dentro do pulmão  
E te expiro pra fora.  
Em redundância tu arredonda o  
movimento interno e te inspiro  
de novo para expirar gotículas  
virais.  
Trago  
Te trago no peito e te queimo em  
brasa que mata  
E de chama que a tudo destrói  
nasce das cinzas, tu.  
Que entra e corrói meu peito em  
tosse e falta de ar viral.  
Tudo que é vivo morre.  
Tudo que se vai volta mudado.  
Tu vem e vai, e me ferve em  
quarenta graus. Em pânico e medo  
de proporção anormal.  
Psicologicamente nada mais é  
como foi.  
E fora do contexto global, dos  
horrores que diz o boçal, tu me  
adentra e eu te amo.

*7 POEMAS PARA ENVIAR*

Agora está tudo em branco  
E o meu papel quer teus dedos me tocando  
traçando linhas e formas que só as tuas mãos podem  
desenhar  
E o meu papel quer a tua assinatura  
suave, firme e carinhosa  
Vem, me escreve nas tuas rimas  
me rasga e me amassa  
Mas não me joga fora como um rabisco qualquer  
Conta uma história em mim  
Deixa eu rir das tuas bobagens  
Com o teu sorriso doce que me encanta e me deixa nas  
entrelinhas.

As nuvens do céu se confundem com os teus olhos  
Onde eu encontro tempestades e raios  
Cadê os teus dias ensolarados?  
Quero te devolver a luz do sol  
Sei que as garoas finas e as neblinas passam  
Também quero te fazer acreditar  
O vento me traz o teu cheiro  
E eu lembro das pequenas flores escondidas na selva de  
pedra do teu coração  
São flores raras, quase que numa busca incansável achei  
elas firmes e fortes

Esperando um florista que saiba cuidar  
com o respeito, a delicadeza e o amor que tu merece.

Riscou um traço no meu peito, marcou  
Tirou de mim todo o sossego  
Céu da tua boca na minha  
Molhou meus dedos  
Me olhou firme  
Desceu, dividi meu gosto com ela  
Beijou a minha  
Beije a dela.

Na cama me chama  
Dama capricorniana, sem drama  
Me trama e me ama  
Conclama  
Enquanto teu líquido na minha boca derrama.

Então, me diga  
Qual abraço meu você quer lembrar?  
Essa jura de amor que você tanto espera  
Esse perfeito incompleto  
Disposta a se perder dentro do punhado de mentiras que  
eu quero contar, revelar  
Esse aperto no teu peito, eu não vou sarar  
Essa é só mais uma desculpa boba, pra você me procurar  
Qual abraço meu você quer lembrar?  
Partida?! Em quantos pedaços?!  
Eu não vou juntar

Chegada?! Euforia finita, não vai te salvar!  
Suas frações perdidas não sou eu quem vai arrumar  
Quantos brinquedos estão quebrados?  
Não é simples de consertar  
Pensa, amor! Que amor?!  
Que amor é esse que te ensinaram a não se amar?

Gosto quando ela fecha os olhos lentamente  
Apreciando cada toque meu no corpo dela  
E qualquer mudança que eu faça  
O som muda o tom muda  
Vou aprendendo a tocar o corpo dela como quem toca um instrumento  
E quando eu toco sei exatamente que música quero escutar  
Entre os graves e os agudos  
A melodia que ela faz com boca é tão harmônica, me faz delirar  
O ritmo é comandado através das minhas mãos  
Vou orquestrando o espetáculo que é vê-la gozar.

Tua eu sou  
Quando me olha nos olhos  
Nua e crua  
Fazendo meu desejo eclodir em tuas mãos  
Tua eu sou  
Quando encosta tua boca na minha flor  
Nua, crua  
Tua.

*MUDOS DE VIDA*

Passou,

Passou.

Como existir agora?

Hoje a palavra é posologia,

altera a noção de marca, trauma, cicatriz.

A noção do que é tempo

cidade, marca, vida, escrita

passou.

Palavra muda é escrita dita.

Solução inaudível e inaudito.

Normalizada, palavra vira conteúdo no corpo:

Luto, apatia, saudade.

Como nomear o que é assintomático?

Neologismos para dizer o que ainda não era.

Como chamar a dor causada pela ausência da despedida?

Pretérito imperfeito: Sentíamos, vivíamos, encontrávamos.

A palavra mudou: Solidão não existe mais.

Neutralizado, o sentimento não gera substantivo.

Palavra emudecida: Imprevisto urbano.

Se ao menos soubéssemos dos efeitos colaterais...

Partiu-se a cidade: Sem direito à palavra livre.

Se eu soubesse,

Ah! Se eu soubesse...







*CARTA PARA A JURACI ANTÔNIA*

Mãe, eu só queria te dizer que ainda resistimos!

Mãe, a senhora imaginaria que, depois destes anos, a sua voz ainda estaria sendo ecoada como um instrumento de força em suas colegas de Redação da ZH, no grupo Jura? A senhora imaginaria que poderia ajudar, através de sua história, uma jurista negra, através de seu trabalho intelectual, a salvar outras mulheres? A senhora imaginaria que mais de 200 meninas e mulheres receberam afeto, de alguma maneira, a partir do projeto Flores de Antônia, e sua história chegou até Harvard?

Mãe, por que não nascemos sabendo que a liberdade só existe para quem é homem hétero, branco, com condições financeiras e, ao resto, só nos resta lutar diariamente para viver?

Mãe, por que não podemos falar sobre suicídio, mas ainda os programas sensacionalistas, que passam todas as tardes, insistem em nos expor e incentivar como são impunes os casos de feminicídio nesse país, incentivando que sejamos cada vez mais mortas e interrompidas de sonhar?

Mãe, por que o debate sobre gatilhos para quem sofreu violência ainda é um tabu? Por que psicoterapias ainda não estão gratuitas no SUS?

Mãe, por que as meninas cis ainda nascem com tabu de conhecerem seus corpos e nos moldam para acharmos que nossas vaginas são impuras? Por que não nos dizem que as relações de afeto não são prisões e não precisam ser classificadas? E, mãe, por que as mulheres trans são tão silenciadas e interrompidas, se estamos todas no mesmo barco, lutando por existir, sobreviver e sermos livres?

Mãe, por que romantizam relações de maternidade, se a muitas mulheres nem o direito à escolha é permitido?

Mãe, por que a liberdade de escolha de relacionamentos é maior às mulheres brancas, e às mulheres negras cabe o fardo e a força de serem fortes e se contentar, muitas vezes, em serem subestimadas sem nem ainda a conhecerem?

Mãe, você já encontrou a Marielle por aí? E a Ágatha Félix é realmente parecida comigo quando eu era pequena?

Mãe, eu só desejo que cada menina e mulher no mundo, que sofre com diferentes violências, como nós sofremos e eu te perdi, continue resistindo, respirando e sonhando. Que sempre sejamos mais do que números e que nossas redes de força e afeto possam se expandir até o momento que estejamos protegidas, amadas e representadas em todos os espaços.

Essa é uma carta de amor e também de muita saudade, mas saiba que eu te amarei para todo o sempre, sinto muito

a tua falta e, enquanto minhas veias estiverem pulsando, sempre levarei a tua força comigo.

\*Este texto foi escrito em memória de **Juraci Antônia Rabello**. Infelizmente, Juraci foi vítima de feminicídio no natal de 2014, mas seu espírito de batalha e ajuda ao próximo permanece sendo eternizado. Perpetuamos sua memória através da fala de sua filha, simbolizando esta coletânea como um espaço de luta e resistência de todAs.

## Ana Margareth Gonçalves

### *O BAOBÁ DAS ALMAS*

Estou aqui sentado aos pés do meu baobá. Imbonzeiro, como chamava minha mãe, Ossê para o bisa. Meu bisavô se orgulhava ao repetir que os seus, há muito tempo mesmo, haviam trazido as sementes da Mãe África direto para o nordeste do Brasil.

Agora sou eu o bisavô, tantos antes de mim e também muitos depois. Passo boa parte do tempo aqui, encostado, recostado, deitado, grudado, bem perto do meu baobá. Minha gente, principalmente os pequenos, me traz uma bebida feita com o sumo de sua fruta, a mukua.

Porém, agora, eu gosto mesmo é de ficar aqui sozinho. No silêncio é que escuto os que já se foram. Eles moram dentro da minha árvore, e é por isso que ela tem um tronco tão grosso e tão alto assim. Só irão fazer parte da terra quando ela também fizer.

Finjo para eles que já não sinto mais a dor da partida que se avizinha. Conversamos sobre coisas que vivemos juntos e coisas que eu não sabia. São tão diferentes uns dos outros, mas o assunto é quase sempre um: as agruras do sertão. A seca não é coisa fácil...

Sei que não falta muito para eu ir morar no baobá. E que vou morar nele por mil anos.

Gosto do silêncio.

*RE(V)SOLUÇÃO*

No dia em que explodirmos,  
vamos nos derramar sobre você,  
vamos ferver.

Um dia,  
você vai ver  
pedaços de nós  
múltiplas invasões  
seu corpo adentro.

No dia em que explodirmos,  
sangue escorrerá para cima  
e retornará ao chão  
Liberdade!







## *ENTRE OS CAMINHOS QUE TRAÇAMOS*

Quando escrevo um comentário de alguma obra, geralmente, tento trazer nele questões que me conecta tanto com futuras leitoras quanto com quem escreveu aquela obra. No entanto, aqui estamos em uma coletânea na qual há 28 escritoras, conseqüentemente, 28 leitoras que compõem um grupo literário. Logo, começo me perguntando: como mediar textos tão heterogêneos e dialógicos entre si? Como transpassar com respeito todas essas vozes? Como olhar para esses textos com tônus, troca, sinceridade, pausa, continuidade e sagacidade estética? Esse cenário de questões, ao mesmo tempo que potencializa, complexifica esta mediação em forma de texto. E, justamente por isso, por termos 28 mulheres escrevendo, vivas, diferentes entre si, com referências, vidas, vivências e escrevivências diferentes é que devemos celebrar e comemorar esta publicação em meio à literatura contemporânea da qual vivemos e participamos.

Nesse sentido, a diversidade de gêneros literários é uma característica dessa coletânea, textos em diversos formatos: crônicas, cartas, poemas que bebem de diversos estilos e formas. Podemos facilmente transitar pelas folhas deste livro e observarmos diversos recursos formais e temáticos

diferentes. Temáticas como 1. diáspora, ancestralidade e decolonização, 2. autoafirmação, aceitações e empoderamentos do Eu 3. manifestações políticas e a poéticas acerca da racialidade brasileira, 4. reivindicação da voz literária e social, 5. reflexão sobre o corpo, 6. questionamento sobre o viver e o padecer, 7. o amor enquanto político, 8. reverberação a partir da identidade 9. o afeto enquanto experiência negada, etc. são muitas vezes presentes. Inclusive, esses eixos temáticos são tranquilamente misturáveis entre si, uma vez que não são características duras e dizem mais respeito a como chegaram, impactaram e comunicaram a essa voz que vos fala.

Ainda, poderíamos seguir por um sentido formal, ou seja, analisando os recursos estilísticos usufruídos pelas autoras. Listei alguns como: uso da forma do texto como significante na interpretação, uso de ritmos e construções verbais que flertam com o slam, sustentação do eco das rimas postas, fluidez do foco e tempo narrativo, uso da concisão, uso de metáforas e paradoxos de linguagem, entre muitos e muitos outros.

O ponto é que todos esses recursos e todas essas temáticas, quando reunidos, partilham de serem partes de um mesmo livro, e as articulações entre os textos geram discursos

dizeres, registros e saberes. De alguma maneira, passam a estar interligadas. Logo, adianto para vocês, leitoras, que diante dos nossos olhos temos não só uma coletânea. Mas uma coletânea manifesto, uma coletânea literária, uma coletânea política, uma coletânea subjetivos, uma coletânea documental, uma coletânea poéticas, uma coletânea heterogeneidades, uma coletânea vozes e, sobretudo, uma coletânea possibilidades. Assim, qual coletânea vocês irão desejar ler? O que irá tocar neste livro? As vivências? As técnicas? A realidade? A ficção? As temáticas? As identidades textuais e sociais? As possíveis articulações entre esses textos? Acredito que a possibilidade de poder conhecer, reconhecer e escolher o que deseja usufruir é um dos pontos principais desta obra. Há diversos caminhos.

Dito isso, agora gostaria de compartilhar como foi a minha experiência autoral de ler e posfaciar essas mulheres, escritoras e vozes literárias tão incríveis. O processo de leitura foi gradual através dos dias, cada dia lia alguns textos e fazia alguns comentários e observações. Houve momentos em que o que eu lia me deixava paralisada pensando no tudo, outros em que dava um sorriso, outros em que meus olhos lacrimejavam. Alguns momentos minha atenção ficava extremamente focada; em outros, revisitava textos ou referências; outros ainda nos quais queria ler ouvindo uma música, em conjunto, e, também, houve momentos

nos quais não quis mais ler, pois precisava ouvir a pausa depois de tantos dizeres. Conseqüentemente, a coletânea que se fez em minha experiência foi a da escuta: o que cada uma dessas autoras está tentando me dizer? Uso este momento para agradecer a cada palavra escrita por vocês, meninas. Impossível não ser transpassada.

Por fim, digo a todos leitores que passem por essa coletânea para que leiam (e publiquem, apoiem, incentivem, patrocinem, etc.) cada vez mais mulheres, principalmente, que leiam mais mulheres diversas em raça, classe e gênero, pois o mundo não é feito apenas pelas mesmas vozes. E, em todos os caminhos possíveis os quais estamos traçando para nós, estamos nos fazendo ser ouvidas. Espero que ouçam as vozes.

**- Luna Dy Cortes/Luna Souto**



**FORA DA ASA**

<https://www.foradaasa.com.br>

O corpo foi composto em Cabin,  
corpo 12. A impressão se deu em  
papel Pólen Soft 80 G/M<sup>2</sup>.  
Em julho de 2021.

“Projeto realizado com recursos da Lei nº 14.017/2020”



O projeto *TodAs EscreVemos* tem seu início em 2020 – numa tentativa de manutenção da humanidade em tempos sombrios. Começamos com uma convocatória de escritas de mulheres da cidade de Porto Alegre/RS. Em seguida, criamos um site no qual esse panorama está disponível a todas as leitoras interessadas e inauguramos o selo de mesmo nome com a publicação da obra inédita *Sujeita*, de Brenda Vidal. Para nós, mulheres, as conquistas só acontecem com muita resistência. O ano terminou, e vimos que era preciso continuar.

Na busca pela valorização da escrita de *todAs*, lançamos o projeto *Coletânea TodAs EscreVemos* e fomos contempladas com o Edital Criação e Formação Diversidade das Culturas, da Fundação Marcopolo, sendo possível publicarmos esta obra e distribuí-la gratuitamente às autoras e a organizações que nos auxiliassem no eco de cada voz. Paralelo a tudo isso, a *Fora da Asa*, organização não governamental parceira desta iniciativa, tem realizado oficinas de escrita para mulheres, a partir das quais publicamos outras coletâneas em formato online. Ainda em 2021, publicaremos uma nova obra inédita, dessa vez, de Agda Cêu Pacheco Rocha. E tudo isso feito por mulheres – do início ao fim. Não temos medo.



Produção: Apoio:

